

# “Música Para olhar do lado de dentro”: relato de experiência de um projeto desenvolvido com crianças com Transtorno do Espectro Autista

## Comunicação

*Lenilce da Silva Reis Santana*  
*Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES*  
*nyce\_reis@yahoo.com.br*

*Raiana Alves Maciel Leal do Carmo*  
*Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES*  
*raianamaciel@yahoo.com.br*

*Sandra Maria de Souza Baleeiro*  
*Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES*  
*sandrabaleeiro@yahoo.com.br*

*Elaine Pereira de Oliveira*  
*Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES*  
*elaineolivpr17@gmail.com*

*Larissa Braga Andrade*  
*Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES*  
*larissabragaandrade@gmail.com*

*Gabriela Leal Lima*  
*Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES*  
*gabrielaleallima@gmail.com*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta um relato de experiência que descreve e discute o planejamento e a prática do projeto “Música para olhar do lado de dentro” na Associação Norte Mineira de Apoio ao Autismo (ANDA), na cidade de Montes Claros-MG. As atividades foram realizadas por acadêmicos bolsistas do Programa de Educação Tutorial, PET-ARTES/MÚSICA, pertencente ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Montes Claros. O projeto, desenvolvido no segundo semestre de 2018, teve como objetivo proporcionar o desenvolvimento de habilidades musicais, da interação social e da linguagem em crianças, de 03 a 09 anos de idade, com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O desenvolvimento do projeto foi dividido em três fases: planejamento, execução e avaliação. O planejamento das aulas buscou referencial teórico em Pedagogias da Educação Musical Contemporânea, cujas abordagens metodológicas puderam ser adaptadas para diversos contextos e idades. Nessa etapa, foi realizada uma capacitação para todos (as) os (as) acadêmicos (as) envolvidos (as) no projeto e desenvolvida por profissionais especializados (as) no tema do autismo. Foram ministradas 10 aulas para um total de 34 crianças, tendo a

ludicidade como norteadora das atividades. Foi possível observar como a musicalização promoveu a melhoria na capacidade dos autistas de se relacionarem com os outros, proporcionando o desenvolvimento musical, emocional e intelectual. O projeto desenvolvido na ANDA vem acrescentar à formação dos acadêmicos (as), oportunizando experiências e proporcionando um crescimento humano e profissional, além de ter oferecido uma situação prática para a atuação na educação inclusiva.

**Palavras-chave:** Autismo; Educação Musical; Inclusão.

## Introduzindo o olhar

Este trabalho trata-se de um relato de experiência que apresenta e discute o planejamento e a prática do projeto “Música para olhar do lado de dentro” na Associação Norte Mineira de Apoio ao Autismo (ANDA), na cidade de Montes Claros - MG. Este projeto teve como objetivo proporcionar o desenvolvimento de habilidades musicais, da interação social e da linguagem de crianças, de 03 a 09 anos de idade, com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

A ANDA, constituída em 2009, é uma entidade civil sem fins lucrativos, que tem personalidade jurídica de direito privado, sendo apartidária e apolítica e atende um público de pessoas com TEA com variadas faixas etárias, de aproximadamente dois a quarenta anos de idade (ANDA, 2019).

As atividades foram desenvolvidas no segundo semestre de 2018 por acadêmicos (as) bolsistas do Programa de Educação Tutorial PET- ARTES/MÚSICA pertencente ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

O Programa de Educação Tutorial é uma ação do Ministério de Educação (MEC) e, na Universidade Estadual de Montes Claros, está vinculado à Coordenadoria de Projetos Especiais da Pró-Reitoria de Ensino. Os grupos PET têm a orientação de um (a) professor (a) tutor e tem como objetivo propiciar aos (as) acadêmicos (as) envolvidos a participação em atividades extracurriculares que agreguem à formação acadêmica e atendam as necessidades do próprio curso de graduação.

Nessa perspectiva, este relato busca ainda problematizar as experiências vivenciadas e pelos acadêmicos (as) no referido projeto. Daremos ênfase aos desafios encontrados no planejamento e no desenvolvimento de aulas de música voltadas, exclusivamente, para

crianças com TEA. Estes desafios também dizem respeito à formação inicial do professor na educação musical inclusiva, tendo em vista que no curso de graduação o qual a equipe está vinculada não aborda, de forma significativa, conteúdos voltados para atividades dessa natureza.

## **Olhando para o lado de dentro: o Transtorno do Espectro Autista na Educação Musical**

Segundo Queiroz (2013) pesquisas afirmam que o termo “autista” foi inserido inicialmente na literatura psiquiátrica no ano de 1906 pelo pesquisador e psiquiatra Plouller após estudar diagnósticos de pacientes que continham demência precoce. Conhecido atualmente como Transtorno do Espectro Autista foi clinicamente descrito pelo psiquiatra Leo Kanner pela primeira vez em 1943 (GADIA *et al.*, 2004).

Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V (DSM-V), o autismo consiste em uma alteração grave do neurodesenvolvimento. Essa alteração pode apresentar as seguintes características: prejuízo persistente na comunicação social recíproca e na interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades e comprometimento neurosensorial. Esses sintomas podem estar presentes desde o início da infância e limitam ou prejudicam o cotidiano do indivíduo. Dependendo do grau de dependência ou ausência de habilidades o espectro do transtorno autista<sup>1</sup> pode ser leve, moderado e severo (DSM-5, 2014).

Segundo Klin (2006) ainda não se sabe os motivos pelos quais há uma expressividade do autismo no sexo masculino, sendo que as proporções médias relatadas no DSM-5, (2014) é cerca de quatro meninos para cada menina. Não há testes laboratoriais para fazer o diagnóstico, a confirmação do laudo é feita a partir de avaliação do quadro clínico e em instrumentos já preconizados pela Classificação Internacional de Doenças da Organização

---

<sup>1</sup> O transtorno do espectro autista (TEA) é um grupo de distúrbios que afeta o neurodesenvolvimento, podendo ser de início precoce. É caracterizado por comprometimento neurosensorial, das habilidades sociais, da linguagem e comunicação, além de comportamentos estereotipados (DSM-V, 2014).

Mundial de Saúde, ou CID-10 e o DSM-V. Assim como não há cura, também não há tratamento específico. E, para que se obtenha um melhor desenvolvimento e qualidade de vida, o tratamento deve ser multidisciplinar (OLIVEIRA, REZENDE e PARIZZI, 2013).

Oliveira, Rezende e Parizzi (2013) em seu trabalho “Criança autista e Educação Musical: um estudo exploratório” descreve que estudos recentes apontam que atendimento multidisciplinar aos portadores dessa condição podem alcançar inúmeros êxitos. Dentre esses atendimentos as aulas de música podem ser um instrumento de intervenção, não exclusivamente como terapia para tratar prováveis disfunções geradas pelo autismo, como abordado na área da Musicoterapia, mas através de processos de ensino e aprendizagem que proporcionem algum tipo de progresso para esse indivíduo. Nesse sentido, é válido ressaltar que, para Gainza (1998, p. 44) “[...] o objetivo específico da educação musical consiste em colocar o homem em contato com o seu ambiente musical e sonoro, descobrir e ampliar meios de expressão musical, e em suma, musicalizá-lo de uma forma mais ampla”.

Dessa maneira, trabalhando esses aspectos descritos por Gainza, a Educação Musical também pode impactar positivamente no tratamento de pessoas com TEA. A autora Rodrigues (2009) discorre em seu trabalho que os autistas vivem em um mundo só deles, o que faz com que se dispersem mais fácil e tenham dificuldade de atentar para uma informação. A música proporciona um ambiente agradável facilitando o aumento da atenção às tarefas abrindo, portanto o caminho de acesso das informações à sua compreensão (RODRIGUES, 2009).

Nesse sentido, para os pesquisadores Rodrigues e DeFreitas Júnior (2013), estudos da área de Educação Musical têm mostrado a contribuição das atividades musicais para o desenvolvimento de crianças com TEA. Os autores supracitados enfatizam que a música pode ser utilizada formal ou informalmente, para atrair a atenção da criança e facilitar a aprendizagem já que, a maioria das crianças com TEA é receptiva à música. Sendo assim, a educação musical tem se mostrado importante instrumento para a aprendizagem e, por consequência, tem trazido efeitos positivos que ajudam no desenvolvimento global dessas crianças. A partir de suas observações, prática clínica e pedagógica, Santos (2015) explicita que:

[...] indivíduos demonstram um interesse e uma atração especial pela música. É interessante notar como a música os afeta e como isso cria uma ponte com o mundo a sua volta. Eles saem do seu isolamento para olhar na direção do estímulo sonoro/ musical e muitos são capazes de compartilhar a experiência musical, tocando ou cantando, apesar das dificuldades apresentadas nos domínios de comunicação e interação. Alguns apresentam uma facilidade impressionante para reproduzir melodias, cantando ou tocando instrumentos. Outros, aqueles que têm severas dificuldades de interação e de comunicação costumam ter uma reação corporal ao estímulo sonoro/musical e demonstram, dessa forma, o quanto são afetados pela música. A música e o som os atingem diretamente, sem defesa (SANTOS, 2015, p.76).

No tocante às crianças com espectro autista, o convívio em um ambiente musical modifica suas impressões e percepções, como reiterado por Brescia (2003, p. 50) ao dizer que: “crianças mentalmente deficientes e autistas geralmente reagem à música quando tudo o mais falhou. A música é um veículo expressivo para o alívio da tensão emocional superando dificuldades da fala e linguagem”.

## **Planejando o olhar**

O projeto teve origem a partir de um olhar para o mundo azul, até então desconhecido pelos autores. A expressão “mundo azul” popularmente utilizada para caracterizar o espectro. Azul, devido a sua maior incidência ocorrer em pessoas do sexo masculino, como citado anteriormente.

Após a sua idealização, o projeto foi dividido em algumas fases. A primeira delas constituiu-se do planejamento das ações. A equipe, composta pela tutora e por acadêmicas do Grupo PET ARTES MÚSICA, realizou uma visita à sede da ANDA, local onde aconteceriam as aulas de música.

Em seguida, decidiu-se oportunizar o projeto para os demais acadêmicos do curso que tivessem interesse de participar voluntariamente, ministrando as aulas. Dessa maneira, foi incluído 20 alunos (as), do segundo ao oitavo período. As condições necessárias para a participação do (a) discente como voluntário (a) eram: participar das capacitações oferecidas por voluntários especialistas, como professores e psicólogos com experiência no trabalho com

crianças e adolescentes dentro do espectro e oficinas preparatórias com atividades musicais realizadas pelo Grupo PET, adaptadas para as condições das crianças inscritas.

Concomitantemente a essas ações, nas reuniões semanais do grupo, era realizado o planejamento das atividades que seriam ministradas, elencando os objetivos a serem cumpridos a longo prazo (Semestral) e em curto prazo (em cada aula). Nestes momentos, também era organizado os documentos necessários para o andamento do projeto, tais como: termos de compromisso dos voluntários e formulário de inscrição para os pais das crianças atendidas pela ANDA, consentindo a participação e fornecendo informações sobre o perfil das crianças. As capacitações específicas sobre o TEA, as quais contemplaram palestras na área da Psicologia, da Psicopedagogia e também da Música, foram realizadas antes do início das aulas.

O planejamento das aulas buscou referencial teórico em Pedagogias da Educação Musical, como as propostas de Émile Jacques-Dalcroze, Jonh Paynter e Muray Shafer, dentre outros cujas abordagens metodológicas puderam ser adaptadas para diversos contextos e idades. Dentre os conteúdos abordados podemos citar alguns: o desenvolvimento progressivo do ritmo; o reconhecimento dos parâmetros dos sons: altura, timbre, intensidade e duração; percepção auditiva e memória musical; produção e utilização de instrumentos musicais não convencionais; improvisação e criação musical e utilização do corpo como fonte de produção sonora.

Acerca do público atendido, ao todo foram 34 crianças inscritas, sendo dez do sexo feminino e 24 do sexo masculino, corroborando com a literatura que informa a prevalência do sexo masculino. Entre os inscritos, 26 delas tinham diagnóstico de grau leve, seis em grau moderado, uma em grau de moderado a severo e um em grau severo. Dessas, todas tinham contato com música em seu cotidiano, mas poucas tinham o hábito de cantar, tocar ou ouvir música diariamente e nenhuma tinha estudado música em outro espaço ou escola.

A segunda fase do projeto contemplou o desenvolvimento das aulas. Ao olhar para esse novo mundo, apesar dos estudos diários, a prática continuava a ser um território desconhecido para nós. Só poderíamos começar a entender como seria o agir nesse mundo tão misterioso que é o espectro do autismo, dando o primeiro passo. A primeira aula foi marcada na instituição e contou com a presença das crianças e dos pais ou seus responsáveis. Nessa oportunidade, expomos como seriam desenvolvidas as aulas e que o foco estaria no

desenvolvimento de habilidades a partir dos processos de ensino e aprendizagem de música. Também realizamos algumas atividades as quais foram ministradas para todo o grupo.

Após este primeiro encontro, as crianças passaram a ter aulas uma vez na semana e no início todas eram acompanhadas pelos pais. No decorrer das semanas, muitas delas já se desprendiam dos pais assim que chegavam à porta, entrando sozinhas na sala. O corpo era um marcador constante de respostas aos estímulos sonoros musicais executados.

Para a participação das aulas, as crianças foram inscritas em 3 subgrupos, subdivididos de acordo com a idade: Subgrupo 1 – 3 a 4 anos; Subgrupo 2 – 5 a 6 anos; Subgrupo 3 – 7 a 9 anos. Ao todo, foram 10 aulas, de 30 a 40 minutos cada e que culminaram em um Musical no final do ano.

A cada duas semanas as aulas eram feitas com todos os subgrupos juntos. Os acadêmicos se revezavam nos subgrupos para terem oportunidade de trabalhar com todas as faixas etárias. Para tanto, era realizado um planejamento e treinamento com cada equipe responsável pela aula, fazendo breves discussões sobre as atividades, sentimentos e expectativas. Isso gerava autonomia e segurança na aplicação das atividades. Qualquer integrante poderia moderar uma atividade, assim nesta experiência com as crianças autistas, o acadêmico podia atuar como participante ativo e não mero espectador.

Chegávamos antes do horário previsto, para arrumar as salas, os materiais, preparar os crachás, fixar nas paredes a ordem que seria ministrada cada atividade e trabalhar a nossa ansiedade, pois cada dia era diferente. Afinal, uma de nossas buscas era que a música deixasse impressa nas crianças os seus códigos e impressões e que ao mesmo tempo eles pudessem se permitir habitar em um mundo diferente. O que os assustava, e o medo era recíproco, porém, cada fim de aula, sempre foi uma surpresa linda na forma de um abraço, ou na despedida com um beijo. E esse olhar é necessário como bem enfatiza Santos (2018) “Precisamos estar atentos para que o diagnóstico de autismo não nos influencie a ponto de criar uma barreira que nos impossibilite de ver o paciente ou aluno como uma pessoa integral, sujeito com potencial para desenvolver-se de forma global”.

Procuramos manter uma rotina das atividades, já que pessoas com TEA, como evidenciado por Obadia (2016) “possuem dificuldades na área de comunicação, interação e

imaginação, o educador deve ter consciência que ele aprende de forma diferenciada, devido possuir pensamento baseado no que lhe é previsível”.

Sendo assim, as aulas foram estruturadas em tipos de atividades, com seus objetivos a serem desenvolvidos em curto prazo. Na tabela 1, descrita abaixo, demonstraremos essa organização, inserindo, na terceira coluna, exemplos de algumas das atividades que foram ministradas ao longo do projeto.

Tabela 1 – Planejamento de aula

<b>Tipo de Atividade</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Exemplo de atividade</b>
<b>1. Acolhimento</b>	Abordar músicas que tinham por objetivo receber as crianças, trabalhando aspectos musicais, como também a socialização.	Música para acolhida: <i>“Boa tarde pra você”</i>
<b>2. Alongamento</b>	Trabalhar as relações entre música e movimento e tinha como propósito proporcionar uma maior concentração das crianças para as atividades que seriam desenvolvidas no decorrer das aulas.	Música para alongamento: Tema do filme <i>“A bela e Fera”</i> .
<b>3. Ritmo</b>	Compreender noções de pulsação, sequências rítmicas, propriocepção e equilíbrio.	Atividade com bambolês com a música: <i>“A janelinha fecha, quando está chovendo”</i> <i>Que Som? Fulano, agora vai fazer”</i> (Barbatuques). Atividades rítmicas com copos (Palavra Cantada).
<b>4. Conceitos básicos dos parâmetros da música</b>	Introduzir ludicamente conhecimentos básicos dos componentes musicais, como intensidade, altura.	Instrumentos trabalhando a pulsação e apontamento cada nota para uma parte do corpo cantando: <i>“Sete são notas musicais”</i> (Thomas Fernandes). Ditado com grave /agudo; Forte/ fraco; Curto/longo e timbre.
<b>5. Despedida e Relaxamento</b>	Visava desacelerar e acalmar as crianças demonstrando que a aula tinha terminado.	<i>Amanhecer</i> (Rubinho do Vale) ou <i>Aquarela</i> (Toquinho).



<b>Atividade "Curinga" (Ministrada em qualquer momento da aula)</b>	Moderar os comandos, para transitarmos livremente entre as demais atividades apresentadas.	<i>Tindolelê</i>
---	--	------------------

Fonte: os autores, 2019.

Ao final das dez oficinas as crianças se apresentaram em um musical, que foi realizado em um dos auditórios da Universidade, com o suporte dos acadêmicos com vozes e instrumentos, A abertura foi realizada por solo de uma menina autista cantando a música: "*Aos olhos do Pai*" (Ana Paula Valadão). Foi um evento marcante e emocionante. Enfim, tínhamos vencido o primeiro desafio: trabalhar com crianças autistas em grupo e perceber o desenvolvimento musical progressivo, o que foi ressaltado por alguns dos pais, os quais relataram o fato de que a criança iniciou a linguagem falada a partir das aulas de música. Como Santos (2018) explica:

Os benefícios da experiência musical compartilhada para os autistas estariam relacionados, então, à contribuição dos neurônios espelho na conexão entre córtex auditivo e sistema límbico, permitindo a compreensão pelo cérebro dos padrões musicais que estimulam emoções nesses indivíduos. A música funcionaria como um agente sonoro ativador de afetos que circulam entre os membros do grupo durante a prática musical, ou seja, a interação no grupo é facilitada pela emoção propiciada pela experiência musical. Nessa interação motora e afetiva por meio da prática musical conjunta, outras experiências são desenvolvidas e compartilhadas como o aprendizado musical por imitação, a sincronização e a comunicação não verbal (SANTOS, 2018, p. 59).

Finalizamos o musical visualizando dados empíricos consideráveis sobre a ação da educação musical nas crianças autistas participantes, como o desenvolvimento da interação social e da comunicação.

O projeto foi avaliado e discutido durante as reuniões semanais do grupo, objetivando levantar informações para reflexões acerca dos planejamentos das aulas e propor tomadas de decisões futuras. A avaliação final foi realizada utilizando como instrumentos a observação do desenvolvimento das crianças das turmas atendidas, além de uma entrevista

informal com a presidente da Instituição e um relatório produzido pela equipe responsável pelo projeto.

## **Contemplação do olhar**

O olhar por si só já era um desafio. Quando associado ao fato de que a graduação não tem disciplinas que nos direcionam para a Educação Musical Inclusiva aumentavam os obstáculos para a concretização da ideia. Mas, quando voltamos para o pensamento característico de alguns autores das Pedagogias do Ensino de Música da segunda metade do séc. XX, como Jonh Paynet, que já defendia a música para todos, percebemos que valia a pena a tentativa (PAYNTER, 1970 *apud* MATEIRO e ILARI, 2011).

Para tanto era necessário conhecimento de causa. E foi isso que fizemos. Debruçamos-nos sobre a literatura existente, participamos de atividades extras que envolviam o tema sobre o autismo e participamos de capacitações, mas era apenas o primeiro passo. Pois, o cenário que iríamos encarar seria composto por turmas de crianças dentro do espectro. Foi necessário aliar os conhecimentos adquiridos, adaptar atividades para o contexto, contar com a parceria dos pais e da instituição para poder desenvolver as atividades de forma que mantivéssemos a atenção das crianças, assim como atingir os objetivos propostos.

O projeto ainda buscou integrar atividades teóricas e práticas de forma lúdica. Foi possível observar como a musicalização promoveu a melhoria na capacidade dos autistas de se relacionarem com os outros, proporcionando o desenvolvimento emocional e intelectual de cada um, além de melhorar a questão motora e a habilidade de interação e o mais importante, introduzi-los em conhecimentos musicais básicos.

## **Considerações finais sobre os olhares**

O projeto “Música para olhar do lado de dentro” atendeu às expectativas de proporcionar o desenvolvimento de habilidades musicais das crianças envolvidas, assim como da capacidade de interação social e de comunicação. Além disso, essa atividade extracurricular do curso de Licenciatura em Música possibilitou aos seus participantes ampliar

o olhar sobre a sua formação inicial, somando habilidades e conhecimentos necessários para atuação na educação musical inclusiva, especialmente em se tratando do TEA.

Nessa perspectiva, tendo em vista a grande quantidade de crianças com este transtorno nos diversos contextos de ensino de aprendizagem de música, é válido ressaltar a necessidade premente que a universidade tem de preencher essa lacuna: ter em sua estrutura curricular conteúdos em disciplinas voltados para a Educação Especial.

Neste mundo contemporâneo é essencial preparar o educador musical para atuar com sensibilidade e eficácia quanto ao atendimento a este público. E, oportunizar aos acadêmicos (as) mais atividades como estas, as quais podem contribuir para a formação do discente de forma globalizada e holística e incentivar este olhar para o ensino diferenciado para os diferentes.

Portanto, o projeto desenvolvido na ANDA, vem acrescentar à formação dos alunos (as). Este projeto sem dúvidas foi uma das experiências mais enriquecedoras vivenciadas por todos os envolvidos, proporcionando um crescimento humano e profissional, além de ter oferecido uma situação prática para atuação na educação inclusiva.

## Referências

ANDA – Associação Norte Mineira de apoio ao Autismo. Histórico, 2019. Disponível em: <<http://andaautismo.org/quem-somos>> Acesso em 19 de mai. de 2019.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. São Paulo: Átomo, 2003.

DSM-5 - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico] : DSM-5 /; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ...[et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <<http://www.tdahmente.com/wp-content/uploads/2018/08/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>>. Acesso em 10 de mai. de 2019.

GADIA, Carlos A, et al. *Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento*. J. Pediatr. (Rio J.), Porto Alegre , v. 80, n. 2, supl. p. 83-94, Apr. 2004 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 de mai. de 2019.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1998.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, May 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 de mai. De 2019.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. (Org). *Pedagogias em educação Musical*. Curitiba. Ibpx, 2011.

OBADIA, Sheyla Alves. Desvendando o autismo e a educação. *Estação Científica (UNIFAP)*. Macapá, v. 6, n. 2, p. 33-41, maio/ago. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/estacao>>. Acesso em 20. De mai. de 2019.

OLIVEIRA, Gleisson do Carmo/ REZANDE, Vanilde Peixoto de Moraes e PARIZZI, Maria Betânia. Criança autista e Educação Musical: um estudo exploratório. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20. p. 754, 2013, Belém. *Anais...* Belém: ABEM, 2013. Disponível em: <[http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2013\\_p.pdf](http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2013_p.pdf)> Acesso em 20 de mai. De 2019.

QUEIROZ, Isabela Cristina Sousa. O autismo: aspectos gerais e um breve relato de experiência. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 20. p. 1530, 2013, Belém. *Anais...* Belém: ABEM, 2013. Disponível em: <[http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM\\_2013\\_p.pdf](http://abemeducaomusical.com.br/sistemas/anais/congressos/ABEM_2013_p.pdf)> Acesso em 20 de mai. De 2019.

RODRIGUES, Jessika Castro. *Musicalização de Crianças e Adolescentes com Diagnostico de Autismo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Música) – Universidade do Estado do Pará, Belém: PA, 2009. Disponível em: <[https://slidex.tips/queue/jessika-castro-rodrigues?&queue\\_id=1&v=1558238908&u=MTkxLjUzLjc0LjEyNQ==](https://slidex.tips/queue/jessika-castro-rodrigues?&queue_id=1&v=1558238908&u=MTkxLjUzLjc0LjEyNQ==)> Acesso em 19 de mai. De 2019.

RODRIGUES, Jessica Castro; DE FREITAS, Aureo. Contribuições do aprendizado musical para o desenvolvimento da área psicomotora de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo. In: IX Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2013. Belém. *Anais...* Belém, 2013. Páginas 194-202. Disponível em: <<http://www.abcoamus.org/download/simcam9-anais.pdf>>. Acesso em 10 de mai. de 2019.

SANTOS, Claudia Eboli Corrêa dos. Desenvolvimento de habilidades musicais em crianças autistas. *Revista NUPEART*, 14(14), 74-90, 2015. Disponível em: <[www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/download/6329/4896](http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/download/6329/4896)>. Acesso em 10 de mai. de 2019.

SANTOS, Claudia Eboli Corrêa. *A música como ferramenta de desenvolvimento para crianças autistas: um estudo na interface da musicoterapia com a educação musical à luz dos conceitos de Vigotski*. 2018. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em:  
<<http://www.repositoriobc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12711>>. Acesso em: 20 de mai. de 2018.

SILVA JUNIOR, José Davison da. Música e Saúde: a humanização hospitalar como objetivo da educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 29, p.171-183, jul- dez, 2012.  
Disponível em:  
<[www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/.../82](http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/.../82)>  
Acesso em: 10 de mai. de 2019.